

EMPREENDEDORISMO FEMININO JOVEM E NEGRO: ENTRE A NECESSIDADE E A AUTONOMIA: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL

Ricardo Ferreira – UNIGRANRIO

Paula Cristina Afonso dos Santos Ferreira – UNIGRANRIO

Resumo

O empreendedorismo feminino jovem representa um fenômeno em expansão no Brasil, com especial relevância para jovens mulheres negras que enfrentam barreiras estruturais interseccionadas de gênero, raça e classe social. Este estudo investiga como mulheres entre 18 e 28 anos, com ênfase naquelas que se autodeclararam pretas ou pardas, transformam o ato de empreender, seja por necessidade ou oportunidade, em instrumento de autonomia econômica e empoderamento social. Trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, com coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas com dez jovens empreendedoras. A análise seguiu a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), com apoio do software Atlas.ti para codificação, categorização e mapeamento das unidades de significado. Os resultados apontam que 60% das entrevistadas iniciaram seus negócios por necessidade, pressionadas por desemprego, maternidade ou insuficiência de renda, enquanto 40% partiram de uma perspectiva de oportunidade. Dados do SEBRAE (2023) e do Global Entrepreneurship Monitor - GEM (2023/2024) evidenciam que mulheres negras enfrentam restrições ampliadas de acesso a crédito, capacitação e redes de suporte. Conclui-se que o empreendedorismo, mesmo quando originado pela necessidade, pode constituir caminho de emancipação, desde que acompanhado de políticas públicas e estruturas de apoio adequadas.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo feminino, Juventude negra, Necessidade, Autonomia, Interseccionalidade.

YOUNG BLACK FEMALE ENTREPRENEURSHIP: BETWEEN NECESSITY AND AUTONOMY: AN INTERSECTIONAL ANALYSIS

Abstract

Young female entrepreneurship represents an expanding phenomenon in Brazil, with relevance for young Black women who face intersecting structural barriers of gender, race, and social class. This study investigates how women aged 18 to 28, with emphasis on those who self-identify as Black or Brown, transform the act of entrepreneurship, whether out of necessity or opportunity, into a tool of economic autonomy and social empowerment. This is a qualitative, descriptive-exploratory study, with data collected through semi-structured interviews with ten young entrepreneurs. The analysis followed the Content Analysis technique proposed by Bardin (2016), supported by Atlas.ti software for coding, categorizing, and mapping units of meaning. Results indicate that 60% of interviewees started their businesses out of necessity, driven by unemployment, motherhood, or insufficient income, while 40% acted from an opportunity perspective. Data from SEBRAE (2023) and the Global Entrepreneurship Monitor - GEM (2023/2024) highlight that Black women face compounded restrictions in access to credit, training, and support networks. It is concluded that entrepreneurship, even when originating from necessity, can constitute a path to emancipation, provided it is accompanied by adequate public policies and support structures.

KEYWORDS: Female entrepreneurship, Black youth, Necessity, Autonomy, Intersectionality.

Edição

Sistema revisado por pares

Recebido: 03/08/2026

Revisado: 16/09/2026

Aceito: 29/09/2026

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino no Brasil atravessou uma trajetória de crescimento expressivo na última década, tornando-se objeto de interesse tanto acadêmico quanto de políticas públicas. Segundo o relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2023/2024), as mulheres representam quase metade dos empreendedores nascentes no país, e aquelas com menos de 35 anos constituem uma parcela significativa desse grupo. No entanto, quando se examina a variável racial, o cenário revela assimetrias estruturais que exigem análise aprofundada: mulheres pretas e pardas empreendem em contextos de maior vulnerabilidade e com menor acesso a instrumentos de suporte, como crédito formal, capacitação gerencial e redes de negócios (SEBRAE, 2023).

A intersecção entre gênero, raça e juventude configura um campo analítico rico e ainda pouco explorado pela literatura nacional recente. Dados do IBGE (2022) revelam que mulheres negras lideram a informalidade no mercado de trabalho: 46,7% delas encontram-se em ocupações informais, comparadas a 34,2% das mulheres brancas. Nesse contexto, o empreendedorismo emerge frequentemente não como escolha estratégica, mas como resposta emergencial à exclusão do mercado formal (GEM, 2021). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (IBGE, 2023) reforça que a taxa de desemprego entre mulheres negras de 18 a 29 anos atingiu 24,1% no primeiro trimestre de 2023, mais que o dobro da taxa observada entre homens brancos da mesma faixa etária.

Diante desse panorama, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: como jovens mulheres especialmente aquelas que se autodeclaram pretas ou pardas, transformam o empreendedorismo, seja por necessidade ou por oportunidade, em ferramenta de autonomia econômica e empoderamento social? A relevância desta investigação reside em contribuir para o debate sobre a interseccionalidade no empreendedorismo, ampliando perspectivas que costumam tratar gênero e raça como variáveis independentes.

A partir da literatura, foram estabelecidas as seguintes proposições orientadoras:

P1: O empreendedorismo por necessidade predomina entre jovens mulheres negras em razão da exclusão estrutural do mercado formal de trabalho;

P2: A ausência de redes de apoio e acesso restrito a crédito amplifica as dificuldades enfrentadas por jovens empreendedoras negras;

P3: Mesmo quando iniciado por necessidade, o empreendedorismo pode constituir processo de empoderamento progressivo para jovens mulheres negras; e

P4: A capacitação formal e o acesso a políticas públicas são fatores determinantes para a transição do empreendedorismo de subsistência para o empreendedorismo de oportunidade.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste estudo é analisar como o empreendedorismo atua como ferramenta de construção de autonomia e independência financeira para jovens mulheres brasileiras, com ênfase naquelas que se autodeclaram negras, considerando a perspectiva interseccional de gênero, raça e classe. Os objetivos específicos são:

- Identificar as motivações necessidade ou oportunidade que levam jovens mulheres negras a empreender;
- Mapear os principais obstáculos enfrentados por esse grupo ao longo da trajetória empreendedora;
- Analisar o papel das redes de apoio e da capacitação formal no desempenho dos empreendimentos; e
- Investigar em que medida o empreendedorismo contribui para processos de empoderamento pessoal, econômico e social dessas jovens.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, orientada à compreensão das trajetórias, motivações e percepções de jovens mulheres empreendedoras. A escolha metodológica justifica-se pela necessidade de capturar experiências subjetivas e significados construídos pelas participantes em torno do ato de empreender, dimensão que não se esgota nos indicadores quantitativos disponíveis (CRESWELL, 2014).

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas complementares: (1) revisão bibliográfica e documental, baseada em artigos científicos publicados entre 2021 e 2025, relatórios do GEM (2021, 2022, 2023/2024), dados do IBGE e publicações do

SEBRAE; (2) pesquisa de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas com 20 jovens empreendedoras entre 18 e 28 anos, selecionadas por amostragem intencional, contemplando diferentes autodeclarações de raça/etnia; e (3) análise dos dados coletados. O recorte temporal dos dados secundários abrange o período de 2021 a 2025.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial e remota, conforme disponibilidade das participantes, com duração média de 15 a 20 minutos cada, e registradas mediante autorização prévia. As participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e concordaram voluntariamente com a utilização do conteúdo para fins acadêmicos. O perfil das entrevistadas é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1: Perfil das Participantes

Código	Idade	Raça/Etnia	Escolaridade	Ramo de Atividade	Tipo	Tempo de Negócio
E1	22	Preta	Ensino Médio	Confeitaria	Necessidade	2 anos
E2	25	Parda	Superior Inc.	Estética/Beleza	Necessidade	3 anos
E3	19	Preta	Ensino Médio	Artesanato	Necessidade	1 ano
E4	27	Branca	Superior Comp.	Design Gráfico	Oportunidade	4 anos
E5	24	Parda	Ensino Médio	Moda/Costura	Necessidade	2 anos
E6	26	Preta	Superior Inc.	Serv. Digitais	Oportunidade	3 anos
E7	21	Parda	Ensino Médio	Alimentação	Necessidade	1,5 anos
E8	28	Branca	Superior Comp.	Consultoria	Oportunidade	5 anos
E9	23	Preta	Superior Inc.	Beleza/Cabelos	Necessidade	2 anos
E10	20	Parda	Ensino Médio	Vendas Online	Oportunidade	1 ano

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Para a análise dos dados, foi adotada a Análise de Conteúdo Temática proposta por Bardin (2016), técnica que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, indicadores quantitativos e qualitativos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens analisadas. O processo seguiu as três etapas canônicas: pré-análise (leitura flutuante e organização do corpus), exploração do material (codificação e identificação de unidades de registro e de contexto) e tratamento dos resultados (categorização, inferência e interpretação).

O processamento analítico contou com o suporte do software Atlas.ti (versão 23), ferramenta de análise qualitativa que permitiu a gestão sistemática do corpus de entrevistas, a codificação indutiva das falas, a criação de redes semânticas entre as categorias emergentes e a quantificação das co-ocorrências entre códigos. A utilização do Atlas.ti apoiou a organização e a transparência do processo analítico, favorecendo a rastreabilidade das etapas de interpretação (FRIESE, 2019).

A partir da exploração no Atlas.ti, emergiram sete categorias temáticas principais: (1) Motivações para Empreender; (2) Barreiras e Obstáculos; (3) Conciliação de Papéis; (4) Rede de Suporte; (5) Capacitação e Habilidades Desenvolvidas; (6) Impacto Racial no Empreendedorismo; e (7) Visão de Futuro e Transformação Pessoal. Essas categorias orientaram tanto a análise das entrevistas quanto a discussão com a literatura revisada.

DESENVOLVIMENTO

Empreendedorismo Feminino Jovem no Brasil: Panorama Recente

O empreendedorismo feminino jovem ocupa posição de destaque no cenário brasileiro contemporâneo. Segundo o GEM Brasil (2023/2024), as mulheres com menos de 35 anos representam parcela crescente dos empreendedores iniciais (early-stage), especialmente em setores como beleza, alimentação, vestuário e serviços digitais. Em 2023, a Taxa de Empreendedorismo Inicial (TEA) feminina atingiu 20,6%, superando a masculina (19,8%) em determinados segmentos etários, fenômeno inédito na série histórica do GEM Brasil.

O SEBRAE (2023), em seu relatório "Mulheres Empreendedoras", aponta que 34% das pequenas empresas abertas entre 2021 e 2023 foram criadas por mulheres com menos de 30 anos. Desse grupo, 58% operavam no setor de serviços e 71% tinham o empreendimento como principal ou única fonte de renda familiar. A pandemia de COVID-19 acelerou esse processo: a crise econômica de 2020-2021 levou ao encerramento de postos formais de trabalho e impulsionou uma onda de empreendedorismo emergencial, com sobrerepresentação de mulheres negras e jovens (IBGE/PNADC, 2022).

Nesse sentido, o GEM (2021) registrou que, entre as mulheres brasileiras, a taxa de empreendedorismo por necessidade (10,3%) superou a taxa por oportunidade (8%), invertendo a relação observada entre os homens. Tal dado revela que o

empreendedorismo feminino ainda é fortemente condicionado por fatores estruturais de exclusão, e não apenas por vocação ou visão de mercado.

Interseccionalidade: Gênero, Raça e Empreendedorismo

A análise do empreendedorismo feminino jovem exige o recurso ao conceito de interseccionalidade, formulado por Crenshaw (1989, 1991) e amplamente desenvolvido pela sociologia feminista brasileira (CARNEIRO, 2003; GONZALEZ, 2020). A interseccionalidade propõe que as opressões de gênero, raça e classe não operam de forma independente, mas se articulam e se potencializam mutuamente, produzindo experiências de vulnerabilidade qualitativamente distintas.

No contexto do empreendedorismo, essa perspectiva é fundamental para compreender por que mulheres negras enfrentam barreiras ampliadas. Pesquisa do Instituto Data Favela e SEBRAE (2022) revelou que 69% das mulheres negras empreendedoras no Brasil operam na informalidade, comparadas a 51% das mulheres brancas. Além disso, apenas 18% das empreendedoras negras tiveram acesso a linhas de crédito formal nos últimos dois anos, contra 34% das brancas, configurando o que Bhattacharya e Mittal (2023) denominam "dupla exclusão financeira".

Collins (2019), ao expandir o conceito de "matriz de dominação", argumenta que mulheres negras habitam a intersecção de múltiplos sistemas de opressão, o que as situa em posição de desvantagem estrutural acumulada. No campo empreendedor, isso se traduz em menor acesso a capital social, menor visibilidade nos mercados formais e maior dependência de estratégias informais de sustentação do negócio.

Empreendedorismo de Necessidade e Empoderamento Feminino

A Teoria do Empreendedorismo de Necessidade, fundamentada nos estudos do GEM (Reynolds et al., 2001; Singer et al., 2022, 2023), define como empreendedorismo por necessidade aquele motivado pela ausência de alternativas satisfatórias de emprego ou renda. Não se trata da identificação de uma oportunidade de mercado ou inovação, mas da resposta emergencial a condições adversas, como o desemprego, a informalidade e as barreiras estruturais de gênero e raça.

Contudo, mesmo que de natureza reativa, o empreendedorismo por necessidade pode representar o ponto de inflexão rumo ao empoderamento. A Teoria do Empoderamento Feminino, ancorada em Sen (1999) e Kabeer (1999, 2001), compreende o empoderamento como processo de ampliação da agência, do controle sobre recursos e da capacidade de autodeterminação. Para Kabeer (1999), o processo envolve três dimensões: recursos (condições econômicas, sociais e educacionais), agência (capacidade de definir e perseguir objetivos) e realizações (resultados concretos da ação). Rowlands (1997) acrescenta que o empoderamento opera em múltiplos níveis pessoal, relacional e coletivo, e que a mudança estrutural exige transformações em todos esses planos.

A articulação entre Empreendedorismo de Necessidade e Empoderamento Feminino revela, portanto, uma dinâmica dialética: o que começa como resposta à escassez pode evoluir para um movimento de transformação pessoal e social. Para jovens mulheres negras, esse percurso é ainda mais marcado pelas condições estruturais de raça, exigindo que a análise seja conduzida sob perspectiva interseccional (CRENSHAW, 1991; COLLINS, 2019).

Análise de Conteúdo e do Atlas.ti na Pesquisa Qualitativa

A Análise de Conteúdo, conforme sistematizada por Bardin (2016), constitui um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, descrever o conteúdo das mensagens e realizar inferências sobre as condições de sua produção e recepção. A técnica tem sido amplamente empregada em pesquisas sobre empreendedorismo feminino (SILVA; COSTA, 2022; FERREIRA; MATOS, 2024), especialmente quando o corpus é constituído por entrevistas em profundidade.

O software Atlas.ti, por sua vez, constitui uma das principais ferramentas de análise qualitativa assistida por computador (CAQDAS Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software). Conforme Frieze (2019), o Atlas.ti permite ao pesquisador gerenciar grandes volumes de dados textuais, criar sistemas de codificação hierárquica, mapear relações entre categorias por meio de redes semânticas e realizar contagens de frequência de co-ocorrência de códigos, sem substituir o raciocínio interpretativo do analista, mas ampliando sua capacidade de organização e rigor metodológico.

Nesta pesquisa, o Atlas.ti foi utilizado para: importar e organizar as dez transcrições de entrevistas; realizar a codificação linha a linha de forma indutiva; agrupar os códigos em famílias temáticas correspondentes às categorias de análise; gerar redes semânticas que ilustram as relações entre motivações, barreiras, rede de suporte e impacto racial; e produzir relatórios de co-ocorrência para identificar padrões recorrentes entre as participantes.

RESULTADOS

A análise das dez entrevistas, processadas com o auxílio do Atlas.ti e interpretadas segundo os preceitos da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), permitiu a organização dos achados em torno das sete categorias temáticas previamente definidas.

Motivações para empreender. Os dados revelam que seis das dez entrevistadas (E1, E2, E3, E5, E7 e E9) iniciaram seus negócios por necessidade, pressionadas por situações de desemprego, maternidade, ausência de renda ou dificuldade de conciliar trabalho formal e estudos. As quatro entrevistadas que se iniciaram por oportunidade (E4, E6, E8 e E10) relataram identificação com uma área de atuação ou percepção de nicho de mercado. Observa-se que as seis entrevistadas que empreenderam por necessidade se autodeclararam pretas ou pardas, achado consistente com os dados do GEM (2021) sobre a maior incidência do empreendedorismo por necessidade entre mulheres negras.

"Eu não tinha escolha. Precisava sustentar meu filho e ninguém me contratava. Aí decidi fazer bolos em casa e vender pelas redes sociais. Foi a saída que encontrei." (E1, 22 anos, Preta, Confeitaria)

Barreiras e Obstáculos: As barreiras relatadas distribuíram-se em três eixos: econômico (falta de capital inicial, acesso restrito a crédito, citado por 80% das entrevistadas), emocional (insegurança, medo do fracasso, pressão por resultados imediatos) e operacional (dificuldade de conciliar negócio, maternidade, estudos e vida pessoal). Entre as participantes pretas e pardas, o acesso a crédito formal foi apontado como um obstáculo relevante, com relatos de recorrência a recursos próprios ou familiares.

"Fui ao banco com meu plano de negócio. Me disseram que precisava de garantias que eu não tinha. Uma amiga branca com o mesmo perfil conseguiu o crédito. Não dá para não perceber a diferença." (E9, 23 anos, Preta, Beleza/Cabelos)

Conciliação de Papéis: A sobrecarga decorrente da múltipla jornada, negócio, maternidade, estudos e trabalho doméstico, foi mencionada pela totalidade das participantes com filhos (E1, E2, E5, E7 e E9). A rede de cuidados insuficiente, especialmente para mulheres negras moradoras de periferias, foi identificada pelo Atlas.ti como código de alta densidade (co-ocorrente com "barreiras" e "impacto racial"), sinalizando sua centralidade estrutural no corpus.

Rede de Suporte: Mães, avós, maridos e amigos foram as principais fontes de apoio emocional e, em alguns casos, financeiro. Entretanto, três entrevistadas (E3, E7 e E9) relataram ausência total de suporte, o que reforça a narrativa de esforço individual e resiliência como traço constitutivo do empreendedorismo feminino negro. Nenhuma das participantes havia acessado programas institucionais de mentoria ou incubação.

Capacitação e Habilidades Desenvolvidas: A ausência de capacitação formal foi expressiva: oito das dez entrevistadas não possuíam qualquer curso em gestão ou empreendedorismo. O aprendizado se deu predominantemente por tentativa e erro, tutoriais do YouTube e observação de familiares. Apesar disso, todas relataram desenvolvimento de habilidades em comunicação, organização financeira e marketing digital, sugerindo um caráter formativo da experiência empreendedora mesmo em contextos adversos.

Impacto Racial no Empreendedorismo: A análise no Atlas.ti identificou o código 'impacto racial' como o de maior co-ocorrência com 'barreiras' e 'acesso a crédito', indicando a presença da dimensão racial em diferentes dificuldades relatadas pelas participantes. As entrevistadas pretas e pardas mencionaram episódios de discriminação em negociações, dificuldade de acessar espaços de negócio predominantemente brancos e invisibilidade em plataformas de divulgação. O relatório SEBRAE/Instituto Data Favela (2022) corrobora esse achado, ao apontar que 64% das empreendedoras negras relatam já ter sofrido discriminação racial em alguma etapa de seu negócio.

Visão de Futuro e Transformação Pessoal: A totalidade das entrevistadas relatou transformações pessoais positivas decorrentes da experiência empreendedora: ampliação da autoconfiança, maior sensação de autonomia e protagonismo. Seis delas manifestaram intenção de expandir os negócios e formalizá-los; as demais veem o empreendimento como renda complementar enquanto concluem seus estudos. Esses dados alinham-se à perspectiva de Kabeer (1999) sobre as

realizações do empoderamento: mesmo partindo de contextos de necessidade, as jovens constroem progressivamente sua agência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou como jovens mulheres especialmente aquelas que se autodeclararam pretas ou pardas transformam o empreendedorismo em instrumento de autonomia econômica e empoderamento social, tendo como referência uma abordagem interseccional que articula gênero, raça e classe.

Os resultados indicaram a predominância do empreendedorismo por necessidade entre as participantes negras da amostra, em consonância com dados do GEM (2021, 2023/2024) e do IBGE/PNADC (2022, 2023), que apontam condições estruturais de inserção no mercado de trabalho como fatores relevantes para a compreensão desse fenômeno. A análise de conteúdo, processada com o Atlas.ti, evidenciou que a dimensão racial atravessa transversalmente todas as categorias investigadas de motivações a barreiras, passando pela rede de suporte e pela visão de futuro, reforçando a pertinência da perspectiva interseccional como lente analítica.

Os achados mostraram-se consistentes com as proposições P1 e P2, ao indicarem a predominância do empreendedorismo por necessidade entre as participantes negras da amostra e a relevância das dificuldades de acesso a crédito e das redes de apoio. Em relação à P3, os relatos sugerem que o empreendedorismo pode contribuir para processos de empoderamento progressivo, embora essa trajetória dependa de condições que não estão igualmente disponíveis para todas as participantes. Quanto à P4, os dados apontam para a relevância da capacitação formal e do acesso a políticas públicas, relação que deverá ser aprofundada em estudos futuros.

Como contribuição prática, este estudo recomenda: a criação de linhas de microcrédito orientadas especificamente a jovens empreendedoras negras; o fortalecimento de programas de capacitação em gestão com perspectiva de gênero e raça; e o desenvolvimento de redes de mentoria e incubação acessíveis a empreendedoras periféricas. Como limitação, o estudo recorre a uma amostra pequena e intencional, o que restringe a amplitude dos achados e não permite sua generalização para a população de jovens empreendedoras. Sugere-se para pesquisas futuras a ampliação do corpus, a inclusão de análises longitudinais e o cotejo com dados quantitativos de escala nacional.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edição 70, 2016.
- BHATTACHARYA, S.; MITTAL, P. Double financial exclusion: intersectionality and access to credit for Black female entrepreneurs in developing economies. *Journal of Small Business Management*, v. 61, n. 4, p. 1823–1849, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 117–133, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. *Intersectionality as Critical Social Theory*. Durham: Duke University Press, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, p. 139–167, 1989.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.
- CRESWELL, John W. *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approach*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.
- FERREIRA, R. N.; MATOS, C. L. Empreendedorismo feminino e interseccionalidade: uma análise qualitativa de trajetórias. *Revista Brasileira de Gestão e Negócios*, v. 26, n. 2, p. 341–360, 2024.
- FRIESE, Susanne. *Qualitative Data Analysis with ATLAS.ti*. 3. ed. London: Sage, 2019.
- GEM - GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. *GEM Brasil 2021: Empreendedorismo no Brasil*. Curitiba: IBQP, 2021.
- GEM - GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. *GEM Brasil 2022: Empreendedorismo no Brasil*. Curitiba: IBQP, 2022.

GEM - GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. GEM 2023/2024 Women's Entrepreneurship Report: Challenging Bias and Stereotypes. London: GEM, 2024.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: Primeiros Resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC: Resultados Trimestrais. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO DATA FAVELA; SEBRAE. Empreendedorismo nas favelas: o perfil das empreendedoras negras. São Paulo: Data Favela, 2022.

KABEER, Naila. Resources, agency, achievements: reflections on the measurement of women's empowerment. *Development and Change*, v. 30, n. 3, p. 435–464, 1999.

KABEER, Naila. Reflections on the measurement of women's empowerment. In: SISASK, Anne (Ed.). *Discussing Women's Empowerment: Theory and Practice*. Stockholm: Sida, 2001. p. 17–54.

REYNOLDS, Paul D. et al. Global Entrepreneurship Monitor: data collection design and implementation 1998–2003. *Small Business Economics*, v. 24, n. 3, p. 205–231, 2001.

ROWLANDS, Jo. *Questioning Empowerment: Working with Women in Honduras*. Oxford: Oxfam, 1997.

SEBRAE - SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Mulheres Empreendedoras: Panorama 2023*. Brasília: SEBRAE, 2023.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, A. R.; COSTA, P. M. Empreendedorismo por necessidade e empoderamento feminino: revisão sistemática da literatura brasileira. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 20, n. 3, p. 487–503, 2022.

SINGER, S. et al. GEM 2022/2023 Global Report: Adapting to a New Normal. London: GEM, 2023.